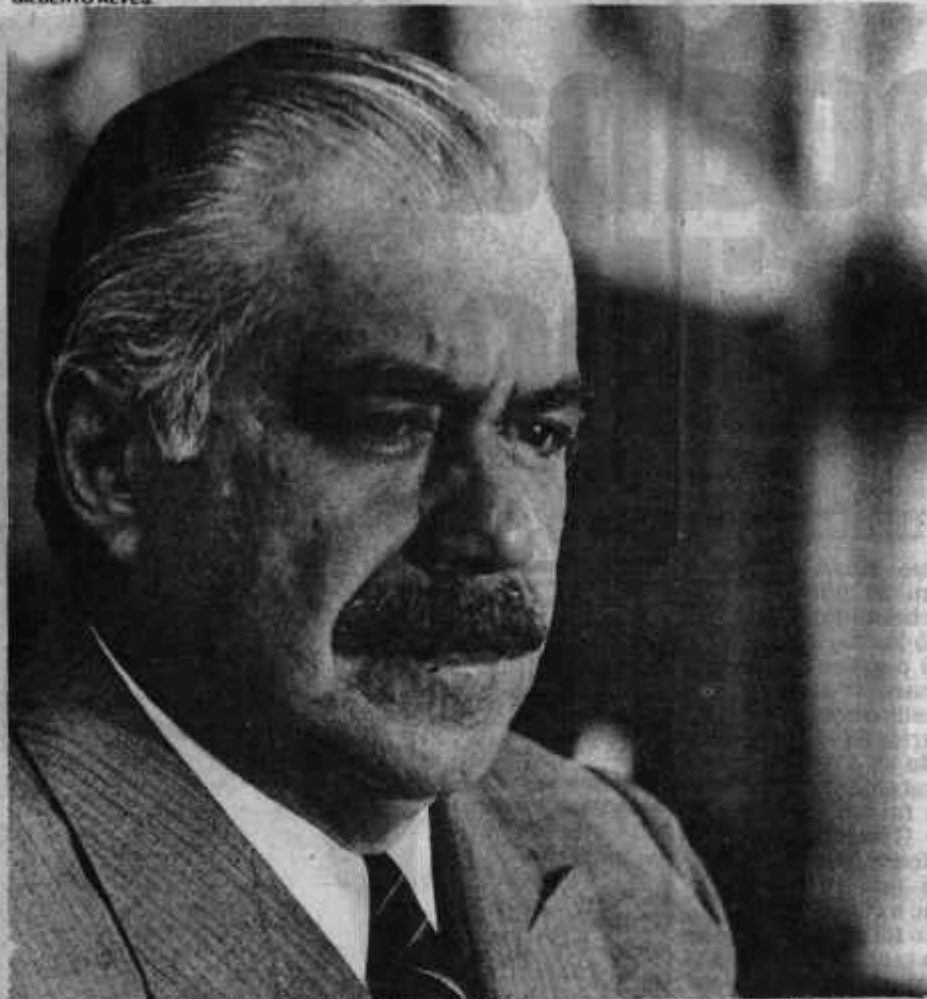


Sarney e Ulysses tratam da reforma

A primeira conversa está marcada para hoje, no Palácio da Alvorada

GILBERTO ALVES



O presidente Sarney inicia consultas para a reforma ministerial

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O presidente José Sarney começou a reclamar maior integração do PMDB ao Governo, em diferentes conversas com o presidente do partido Ulysses Guimarães, a partir de dezembro, quando o Plano Cruzado passou a mostrar as suas falhas mais gritantes. Sarney achava que vinha cumprindo religiosamente seus compromissos com a Aliança Democrática, cabendo ao parceiro mais importante, no caso o PMDB, dar a sua contrapartida. E hoje os dois têm um encontro no Palácio da Alvorada.

Muita coisa aconteceu de dezembro para cá, incluindo a decisão da bancada do PMDB a favor da Constituinte soberana, que assustou o Governo, mas a atitude de Sarney para com Ulysses não mudou, segundo os amigos íntimos do presidente. Pelo contrário, Sarney se empenhou pessoalmente em mobilizar fidelidades, a fim de assegurar as eleições de Ulysses para as presidências da Câmara dos Deputados e da Constituinte.

APOIO DECISIVO

O presidente do PMDB só veio a se lançar candidato à reeleição na presidência da Câmara depois do dia 6 de janeiro, quando teve uma conversa decisiva com Sarney. Naquela oportunidade, o presidente deixou claro que a eleição de Ulysses para as presidências da Câmara e da Constituinte era fator de tranquilidade política para o Governo e o país, por ser o político paulista o interlocutor mais leal do Governo.

Sarney evitou pessoalmente que o Governo adotasse uma série de medidas, que então já se impunham, para corrigir falhas do programa econômico, a fim de não prejudicar a reeleição de Ulysses, que passou a representar uma verdadeira questão de Estado, segundo a análise que hoje fazem alguns dos amigos do presidente.

Além da articulação junto aos governadores, Sarney empenhou-se pessoalmente em mobilizar os seus amigos no Congresso para garantir a escolha de Ulysses nos dois cargos. Por isso mesmo, o presidente ficou chocado quando a bancada do PMDB tomou a decisão a favor da Constituinte exclusiva, sem que Ulysses e Pimenta lhe tivessem dado qualquer aviso.

Sarney ficou sabendo que a bancada iria tomar aquela decisão poucas horas antes, advertido por um amigo do próprio partido. A partir daí, em novo entendimento com Ulysses, Sarney acionou os governadores e mobilizou seus amigos no PMDB para esvaziar a operação montada pelos grupos mais à esquerda do partido.

O presidente, segundo seus amigos mais íntimos, conta com Ulysses para evitar que se abra uma brecha no dispositivo parlamentar governista e que a maioria do PMDB e do PFL aceite a orientação segundo a qual a Constituinte veio para fazer uma nova Constituição e não remendar a atual.

CONFLITO À VISTA

Na próxima semana, quando da votação do projeto do Regimento Interno definitivo, haverá o conflito entre os que defendem a Constituinte soberana e os que a querem cuidando apenas da elaboração da nova Carta Constitucional. PT, PDT, PC do B já estão entendidos com o grupo mais à esquerda do PMDB, para tentar extirpar alguns dispositivos da atual Constituição, como o estado de emergência e o decreto-lei, além de devolver as prerrogativas do Congresso.

Sarney e seus amigos estão convencidos de que, por trás desse movimento de soberania movida, está embutida a intenção de encurtar o atual mandato presidencial, antecipando a eleição direta do futuro presidente da República. Ele já começou a se articular com os novos governadores, para que estes o ajudem a esvaziar o movimento em favor da ampla soberania da Constituinte.

Os novos governadores são aliados potenciais de Sarney — eles querem estabilidade e um mínimo de tempo para realizar parte do que prometeram — e precisam também de meios financeiros para isso. O presidente sabe que seu destino se joga no Congresso, particularmente na Constituinte, que terá, em última instância, o poder de conservar ou reduzir o seu mandato.

Por isso, ele não cedeu quando Ulysses tentou movê-lo da decisão de criar uma Liderança do Governo no Congresso, lembrando experiências mal-sucedidas no passado, como os frequentes atritos entre Tancredo Neves, líder de Jango, e Martins Rodrigues, líder do PSD, pouco antes do golpe de 64. Sarney decidiu jogar um líder do Governo dentro do Congresso, escolhendo para isso o deputado Carlos Sant'Anna, porque se sentia órfão principalmente na Câmara. Ele compreende que o PMDB, mal saído de uma eleição, precisa honrar certas posições doutrinárias. Mas procura criar um pólo de aglutinação dos que são fiéis ao Governo, para evitar surpresas desagradáveis, mais adiante.

Assim mesmo, ele não quer patrocinar qualquer projeto de divisão do PMDB. Está certo de que seria um erro primário, se o fizesse. O presidente e alguns de seus amigos acham que a cisão vai aparecer por geração espontânea, a partir do momento em que se iniciar a elaboração da nova Carta Constitucional e quando surgirem problemas que reclamem posições ideológicas.

Será o caso, por exemplo, do direito de propriedade, do grau de intervenção do Estado na economia, de algumas reformas sociais, como a reforma agrária. Nessa oportunidade, haverá uma divisão natural no PMDB, como em outros partidos, mas sem que o Governo precise intervir para fomentar a cisão.

BLOCO MODERADO

É claro que Sarney não será infenso à formação de um bloco moderado, de caráter mais conservador, cujas posições estarão em consonância com as do Governo. O presidente viu na iniciativa do deputado José Lourenço, de anunciar a formação de um bloco moderado, um erro político. Os conflitos terão que ocorrer diante de fatos concretos, sendo inconveniente e precipitado formar um grupo ideológico por antecipação.

O presidente prepara um pacote econômico de impacto para o final do mês, pouco antes do período carnavalesco. O primeiro objetivo é baixar os juros a níveis razoáveis, contanto, para isso, como o apoio do grande empresariado nacional. Sarney ainda acredita que será possível salvar o Plano Cruzado da ameaça de um completo fracasso.

No plano político, o Governo quer reformar o Ministério para que ele reflita a nova correlação de forças do país, estabelecida pela eleição de 15 de novembro do ano passado. O presidente já iniciou consultas para reformar o Ministério, mas só pretende chegar a isso depois do dia 15 de março, quando tomam posse os novos 23 governadores.

A idéia é aproveitar alguns dos atuais governadores, como Jader Barbalho, do Pará, que contribuiu decisivamente para a eleição do senador Jarbas Passarinho, atendendo a pedido do presidente; ou Franco Montoro, de São Paulo, que postula o Ministério das Relações Exteriores. Há, ainda, Hélio Garcia, que poderia ser ministro dos Transportes ou do Interior, e Gonzaga Mota, do Ceará.

Hoje Sarney deve manter uma primeira conversa com Ulysses Guimarães sobre a reforma ministerial. Até agora, ele ainda não abordou o assunto em nenhuma das muitas conversas que manteve com o presidente do PMDB este ano. Sarney deseja reaver novas esperanças com a reforma ministerial, que alcançará, necessariamente, a área econômica, hoje grandemente desgastada.

Furando o cerco

A estratégia do presidente Sarney para superar o conjunto de dificuldades políticas e administrativas que se interpõem ao seu governo é a de assentados os líderes no Congresso e na Constituinte, através deles estabelecer um sistema de contato direto com todos os senadores e deputados para que tenham a consciência dos grandes problemas econômicos e políticos do regime civil, e o ajude a resguardar a estabilidade institucional.

A via será indireta apenas porque Sarney não poderá dispor de tempo para conversar com todos os parlamentares; o problema econômico se agrava a todo instante, e chegará o momento em que amadurecerá a decisão sobre o segundo choque ortodoxo, a Israel, numa fase mais adiante. Terá que se albergar, o governo, na solidariedade e na sustentação política dos constituintes.

Os líderes contarão com informações detalhadas através das reuniões do Conselho Político, que serão reativadas. A seus assessores, os mais próximos, Sarney não deixa transparecer o que tem exatamente em projeto para vencer os obstáculos que lhe cercam por todos os lados. Mas tem um objetivo, decantado em paciência, que o governador José Aparecido de Oliveira identifica como seu maior atributo. Nessa semana, o sr. Jânio Quadros, visitando o presidente, confessou-lhe que não teria, caso no poder, tanta descendência.

O sr. Sarney ainda se valerá da plêiade de governadores que serão empossados a 15 de março próximo para armar seu novo dispositivo político. Junto aos novos mandatários da Federação, constituirá uma aliança de proporções políticas e administrativas inéditas mesmo na fase da "política de governadores" da República Velha. Os governadores serão também repassadores de atendimento às bancadas federais.

O presidente se compromete a não legislar por decretos-leis, mas a mandar, em tempo oportuno, um bloco maciço de anteprojetos de lei ao Congresso, sobre todas as áreas de melhoria social da população, como uma nova lei de reajustes de aluguéis. O governo quer furar o cerco e trabalhar.

UM NOME PARA A AGÊNCIA

Contará certamente com a simpatia do Palácio do Planalto a indicação do almirante Sérgio Doherty para chefe da Agência Central do SNI, em Brasília. O almirante é tido como um dos mais experimentados profissionais de sua especialidade, dentro das Forças Armadas, no espírito que a Nova República traçou para o ramo de informações.

PREVISÃO DE TANCREDO CONFIRMA-SE

Uma previsão de Tancredo Neves, transmitida ao ministro José Hugo Castelo Branco — "O Del-fim Neto ainda será o líder da oposição ao meu governo" — está se confirmando. Sem embargo da atuação do líder Amaral Neto, muito respeitada, a ponto de poder estar sendo chamado para uma conversa próxima com o presidente Sarney.

RELATÓRIOS NÃO CHEGAM

O presidente da República pediu aos ministros que mandassem todos os meses relatórios de suas atividades à Casa Civil. Poucos cumprem a determinação. Uma exceção é o Interior.

LEONARDO MOTA NETO

Cardoso quer a trajetória de Tancredo

ROGERIO PEREZ
Correspondente

Belo Horizonte — Com o apoio de trinta e cinco deputados constituintes do PMDB, que formam a maior bancada do partido na Câmara Federal, e com a força de um Estado que sempre foi importante na política brasileira, o baiano Newton Cardoso, eleito governador de Minas, quer ter a partir de 15 de março uma influência real no país e a mesma importância de um Tancredo Neves ou de um Juscelino nas decisões nacionais.

Populista, Newton Cardoso está procurando armar um secretariado forte e representativo e atraindo para seu lado importantes correntes políticas, para que depois da posse possa realmente tentar influir na formação de um novo Ministério e também na Constituinte.

Para tanto, Cardoso tem mantido contatos com grupos e partidos, sempre procurando se fortalecer. Encontrou-se, por exemplo, com o governador eleito do Rio, Moreira Franco, e agora tenta uma aproximação com Leonel Brizola, através de seu companheiro Carcy Ribeiro, convidado para ser secretário de Educação e que vai trazer para Minas, como secretário ou assessor especial de Educação, o projeto brizolista dos CIEPS.

Da mesma maneira que tem buscado numa aliança com os cariocas seu fortalecimento político a nível nacional, Cardoso tem se aproximado de governadores do Norte e do Nordeste, para crescer e poder, na hora certa, dar vóos além das montanhas das Gerais.

Aproveitou as declarações de Aureliano Chaves sobre o Plano Cruzado e política para ficar contra ele e conseguir trunfos para suas investidas futuras. Sempre que pode diz que Minas tem de ter representação na área econômica federal e que o que conseguiu até agora foram apenas aperitivos.

Suas investidas sofreram a primeira derrota com a distúncia de Milton Reis, que tinha seu apoio e da bancada mineira para a liderança do partido, mas ele não admite isso.

Montoro abre o Ilam e nega que seja trampolim

Da Sucursal

São Paulo — O governador Franco Montoro inaugurou ontem o Instituto Latino Americano (Ilam) e a Casa da Cultura Latino Americana, numa cerimônia que contou com a presença de vários secretários, políticos, empresários, intelectuais e o ministro Celso Furtado, representando o presidente Sarney.

O governador, que assumiu a presidência do Conselho-Diretor do Ilam, às vésperas de deixar o Governo do Estado, negou que esteja utilizando o Instituto como "trampolim" para chegar ao Ministério das Relações Exteriores. "Desde 1950 eu trabalho pela integração da América Latina", disse Montoro.

A integração, aliás, é o objetivo principal do Instituto e da Casa da Cultura, sociedades civis sem fins lucrativos, que serão financiadas por contribuições e dotações. Na inauguração, o governador anunciou os nomes dos coordenadores das quatro comissões permanentes do Instituto: o ex-ministro Paulo de Tarso coordenará a Comissão Cultural, Laerte Setúbal a Comissão Econômica, o professor Celso Lafer a Política e o ex-deputado José Gregório a Comissão Social.

"Uma das primeiras atividades do Instituto será a criação de uma Frente Latino-Americana de Defe-

Tutu se casa com o ex-auxiliar do pai

ULYSSES ALVES
DE SOUZA
Sucursal

São Paulo — A deputada constituinte Dirce Marli Quadros, que concorreu às eleições com o nome "Tutu", casou-se com Marco Antônio Mastrobuono, que até terça-feira última foi secretário de Planejamento de Jânio Quadros, pai da noiva.

Este é o terceiro casamento de Tutu. Do primeiro casamento, tem três filhas, que moram em São Paulo. Do segundo, Tutu tem dois filhos e uma filha, que moram com ela. No início da semana, Mastrobuono, que era apontado como provável candidato de Jânio Quadros à sua sucessão na Prefeitura de São Paulo, demitiu-se do cargo.

ARQUIVO